



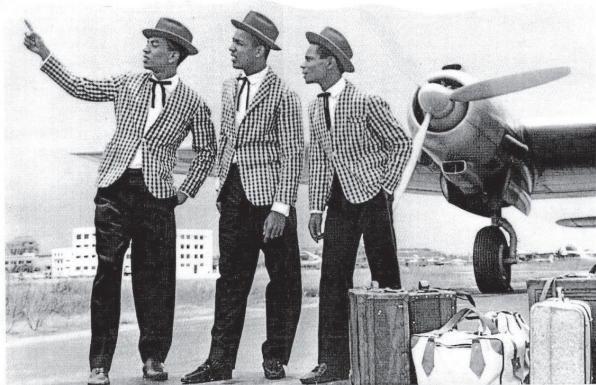
4

RATO DA SILIBRINA



O ENCANTO DOS BRINCANTES

FAZENDA LAMPIÃO dança TRIO NORDESTINO



Folder de apresentação da quadrilha “Fazenda Lampião” cuja temática em 2004 inspirou-se na obra do Trio Nordestino



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87, apto. 407

João Pessoa, PB, Brasil. 58045-180

marcadefantasia@gmail.com; <https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais. Projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Editor/fotos: Henrique Magalhães

Capa: o Coronel Chumbinho (Leonilson Aquino) no comando de sua quadrilha

O encanto dos brincantes

Henrique Magalhães

No final de 1996 fui fisgado por uma visão espetacular, movida por uma onda de energia que envolveu a mim e ao restrito e privilegiado público que assistia. Era dezembro e uma das atividades da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego, na cidade de Paraíba, consistia em abrir a temporada de verão com apresentações artísticas, notadamente de caráter popular.



Naquele evento, que ocorria ao lado da Gibiteca Henfil, uma quadrilha junina fora de época se apresentava ao ritmo dos contagiantes xote e baião - o tradicional forró em sua mais legítima expressão -, com trio ao vivo, fazendo gemer de prazer a sanfona, o zabumba o triângulo, além do pandeiro. Para minha surpresa, encontrei Nina (Maria Carneiro Ramalho), que dirigia comigo a Gibiteca Henfil, entre os brincantes.



O trio "Os três do Norte", sob o comando do sanfoneiro Mola, acompanhou a quadrilha em várias temporadas



Nina - Maria Carneiro Ramalho - e o Coronel Chumbinho

Nina, velha amiga da juventude, com quem dei meus primeiros passos na contracultura, estava ali, cheia de vigor e entusiasmo, suando às bicas sob uma roupa estilizada que devia pesar alguns quilos e sufocar no intenso calor do verão. Nina se tornara a companheira do líder da quadrilha, Leonilson Aquino, o Coronel Chumbinho, que aglutinava a juventude em torno de seu grupo de dança no bairro popular de Mangabeira.



O som amplificado e quase ensurdecedor, o movimento vigoroso da dança, a garra expressa nos rodeios velozes e no rosto dos/das dançarinas foi-me algo arrebatador. Minha lembrança das quadrilhas juninas era aquela das quadrilhas matutas, improvisadas, nas noites resfriadas das festas de rua em homenagem aos santos de junho - Santo Antonio, São João, São Pedro.



O que via naquele momento era algo completamente diferente. Os trajés eram luxuosos, padronizados; dava-se realce ao adereços; a dança era cuidadosamente coreografada, plena de novos passos que ganhavam em volume os quadrantes do salão. Um tema era desenvolvido pela quadrilha, qual enredo de escola de samba ou texto teatral. A música fugia das marchinha tradicionais de Luís Gonzaga, que se repetiam à exaustão em todos os “São João” de minha infância.

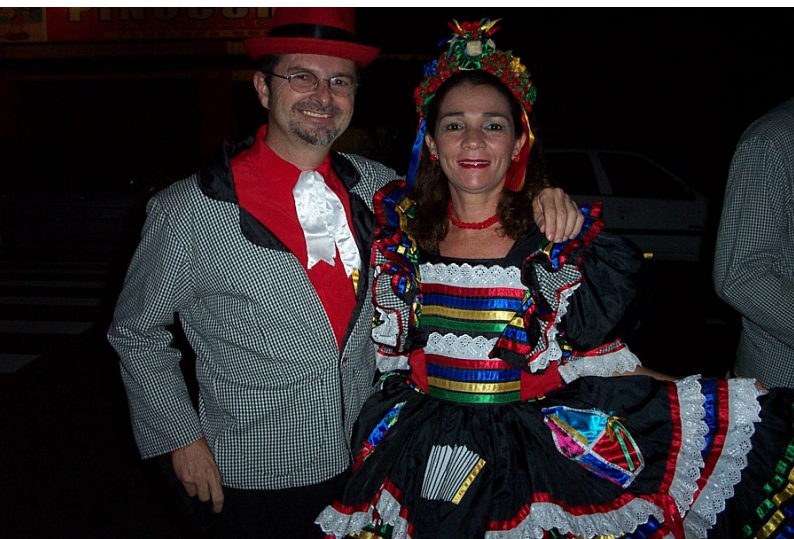
Havia algo novo ali, surpreendente, inusitado. Senti-me pertencente a um mundo ordinário que desconhecia o maravilhamento dessa criativa manifestação cultural. No final da apresentação corri para abraçar minha amiga Nina. Suada, cheia de energia que não se esgota, ao contrário, se acumula com o prazer da dança, deixei-lhe sentir minha estupefação frente a tal deslumbramento.





A partir dali, como na física quântica, meus caminhos se bifurcaram. Parte de mim, ou um novo eu, seguiu as apresentações da Quadrilha Lampião onde quer que fosse. Assisti-la me enchia de força, era como uma carga extra em uma bateria semi-esgotada. Outra parte seguia produzindo e criando, ministrando disciplinas no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, administrando a Gibiteca Henfil, que era um projeto de extensão, criando “Maria”, a personagem de quadrinhos que é meu *alter ego*.

Num dos ensaios da quadrilha, por volta de março de 1997, não resisti e entrei na dança. Era um “idoso” - faria então 40 anos em agosto - no meio de uma juventude ainda quase adolescente, algo entre 16 e 25 anos. Esforçava-me para acompanhar a potência dessa força juvenil. Com entusiasmo, dava para entrar no ritmo, corria, rodopiava, cantava ofegante, mas sem perder o passo. Com a Lampião passei oito anos de minha vida, que me enriqueceram culturalmente e me fizeram mais vivo.



Henrique Magalhães e Nina Ramalho, parceiros na dança



















